

ANA TOSTÕES

Memória e transferências

Memory and transfers

Memoria y transferencias

Ana Tostões

Arquiteta (ESBAL,1982) e historiadora de arquitetura (UNL,1995), professora catedrática no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa onde coordena o Doutorado em Arquitetura. Entre 2010 e 2021 presidiu o Docomomo Internacional, sendo responsável pela editoria do Docomomo Journal. Durante o seu mandato, o Docomomo passou de uma organização maioritariamente europeia para uma rede de escala global coordenando 74 países nos cinco continentes (www.docomomo.com).

É Professora convidada na Universidade de Tóquio, na École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Katholik University Leuven, University of Texas at Austin School of Architecture, Rice School of Architecture de Houston, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Navarra e na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

O seu campo de pesquisa é a história da arquitetura e do urbanismo modernos. Sobre estes temas publicou livros e artigos científicos, foi curadora de uma dezena de exposições e participou em júris, comités científicos e palestras em Universidades Europeias, Africanas, Americanas e Asiáticas. Destaca-se a curadoria das Exposições “Arquitectura do Século XX em Portugal”, patente no Centro Cultural de Belém e no Deutsches Architektur Museum em Frankfurt, “Sede e Museu Gulbenkian, a arquitectura dos anos 60” celebrando o cinquentenário da Fundação Gulbenkian, “Lisbon 1758, the Baixa Plan today” comemorativa dos 250 anos do plano de reconstrução da cidade.

Depois do volume Verdes anos na Arquitectura Portuguesa (ed. FAUP, 1997), publicou Idade Maior, Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa (FAUP, 2015) galardoada com o Prémio da X Bienal Ibero-Americana de Arquitectura y Urbanismo e editou Arquitectura Moderna em África: Angola e Moçambique distinguido com o prémio Prémio Gulbenkian da Academia Portuguesa de História (2014). Atualmente é investigadora responsável do projecto “Cure and Care” focado no estudo dos equipamentos de saúde construídos em Portugal no século XX e na sua reabilitação. Em 1994 recebeu o Prémio Municipal Júlio de Castilho de Olisipografia.

Foi membro do Conselho Consultivo do IPPAR, Vice-presidente da Ordem dos Arquitetos e da Secção Portuguesa da AICA. Em 2006 foi agraciada pelo Presidente da República com o grau de comendador da Ordem do Infante Dom Henrique pelo seu trabalho de investigação e divulgação da arquitetura

Ana Tostões

Architect (ESBAL, 1982) and architectural historian (UNL, 1995), full professor at the Instituto Superior Técnico of the University of Lisbon where she coordinates the Doctorate in Architecture. Between 2010 and 2021, Tostões chaired Docomomo International, being responsible for the editorship of the Docomomo Journal. During her tenure, Docomomo grew from a mostly European organization to a global scale network coordinating 74 countries on five continents (www.docomomo.com).

She is a visiting professor at the University of Tokyo, École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Katholik University Leuven, University of Texas at Austin School of Architecture, Rice School of Architecture, Houston, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura da University of Navarra and at the Faculty of Architecture of the University of Porto.

Her field of research is the history of modern architecture and urbanism. On these topics she has published books and scientific articles, curated a dozen exhibitions and participated in juries, scientific committees and lectures at European, African, American and Asian Universities. The curatorship of the exhibitions “Architecture of the 20th Century in Portugal”, at the Centro Cultural de Belém and the Deutsches Architektur Museum in Frankfurt, “Headquarters and Gulbenkian Museum, the architecture of the 60s” celebrating the 50th anniversary of the Gulbenkian Foundation, “Lisbon 1758, the Baixa Plan today” commemorating the 250th anniversary of the city's reconstruction plan.

After the volume *Verdes anos na Arquitectura Portuguesa* (FAUP ed., 1997), she published *Age Maior, Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa* (FAUP, 2015), which was awarded the X Bienal Ibero-Americana de Arquitectura y Urbanismo and edited *Arquitectura Moderna in Africa: Angola and Mozambique* awarded the Gulbenkian Prize of the Portuguese Academy of History (2014). She is currently the researcher in charge of the “Cure and Care” project focused on the study of healthcare facilities built in Portugal in the 20th century and their rehabilitation. In 1994 she received the Júlio de Castilho Municipal Prize for *Olisipografia*.

She was a member of the Advisory Board of IPPAR, Vice-President of the *Ordem dos Arquitectos* and of the Portuguese Section of AICA. In 2006, she was awarded by the President of the Republic with the degree of Commander of the Order of Infante Dom Henrique for her work of research and dissemination of architecture.

Ana Tostões

Arquitecta (ESBAL, 1982) e historiadora de la arquitectura (UNL, 1995), profesora titular del Instituto Superior Técnico de la Universidad de Lisboa donde coordina el Doctorado en Arquitectura. Entre 2010 y 2021 presidió Docomomo Internacional, siendo responsable por la edición de Docomomo Journal. Durante su mandato, Docomomo pasó de ser una organización mayoritariamente europea a una red de escala mundial que coordina 74 países en los cinco continentes (www.docomomo.com).

Es profesora invitada en la Universidad de Tokio, École Polytechnique Fédérale de Lausanne, Katholik University Leuven, University of Texas at Austin School of Architecture, Rice School of Architecture, Houston, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad de Navarra y en la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Oporto.

Su campo de investigación es la historia de la arquitectura moderna y el urbanismo. Ha publicado libros y artículos científicos sobre estos temas, curado una docena de exposiciones y participado en jurados, comités científicos y conferencias en universidades europeas, africanas, americanas y asiáticas. La curaduría de las exposiciones “Arquitectura del siglo XX en Portugal”, en el Centro Cultural de Belém y el Deutsches Architektur Museum de Frankfurt, “Sede y Museo Gulbenkian, la arquitectura de los años 60” con motivo del 50 aniversario de la Fundación Gulbenkian, “Lisboa 1758, el Plan Baixa hoy” con motivo del 250 aniversario del plan de reconstrucción de la ciudad.

Tras el volumen *Verdes anos na Arquitectura Portuguesa* (FAUP ed., 1997), publicó *Age Maior, Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa* (FAUP, 2015), que fue premiado en la X Bienal Iberoamericana de Arquitectura y Urbanismo y editó *Arquitectura Moderna en África: Angola y Mozambique* premiados con el Premio Gulbenkian de la Academia Portuguesa de la Historia (2014). Actualmente es la investigadora responsable del proyecto “Cure and Care” centrado en el estudio de los equipos de salud construidos en Portugal en el siglo XX y en su rehabilitación. En 1994 recibió el Premio Municipal Júlio de Castilho de Oisipografia.

Fue miembro del Consejo Asesor de IPPAR, Vicepresidente de la Ordem dos Arquitectos y de la Sección Portuguesa de AICA. En 2006 fue condecorada por el Presidente de la República con el grado de Comandante de la Orden del Infante Dom Henrique por su labor de investigación y divulgación de la arquitectura.

ana.tostoes@tecnico.ulisboa.pt

Resumo

O patrimônio moderno tem de ser reconhecido como um modelo ou um manifesto, um símbolo vital para um desenvolvimento arquitetônico e urbano duradouro, capaz de redefinir o papel vital desta herança no conforto e o bem-estar sustentável das sociedades globalizadas. Como é sabido, a conservação e a transmissão do patrimônio é uma tarefa difícil que reclama por parte da sociedade a compreensão e o julgamento claro do valor da arquitetura do Movimento Moderno. Encarada como um estimulante projeto coletivo, uma das qualidades originais da própria natureza primeira do projeto moderno em si, a arquitetura do Movimento Moderno permanece um projeto inovador em termos sociais, espaciais e tecnológicos que está diretamente implicado com a comunidade e o desafio de um mundo melhor.

Palavras-chave: Patrimônio. Arquitetura. Movimento Moderno.

Abstract

Modern heritage must be recognized as a model or a manifesto, a vital symbol for lasting architectural and urban development, capable of redefining the vital role of this heritage in the comfort and sustainable well-being of globalized societies. As is well known, the conservation and transmission of heritage is a difficult task that requires society to understand and clearly judge the value of the architecture of the Modern Movement. Viewed as a stimulating collective project, one of the original qualities of the very first nature of the modern project itself, the architecture of the Modern Movement remains an innovative project in social, spatial, and technological terms that is directly involved with the community and the challenge of a world best.

Keywords: *Heritage. Architecture. Modern Movement.*

Resumen

El patrimonio moderno debe ser reconocido como un modelo o un manifesto, un símbolo vital para un desarrollo arquitectónico y urbano duradero, capaz de redefinir el papel vital de este patrimonio en el confort y el bienestar sostenible de las sociedades globalizadas. Como es bien sabido, la conservación y transmisión del patrimonio es una tarea difícil que requiere que la sociedad comprenda y juzgue con claridad el valor de la arquitectura del Movimiento Moderno. Visto como un proyecto colectivo estimulante, una de las cualidades originales de la primera naturaleza del propio proyecto moderno, la arquitectura del Movimiento Moderno sigue siendo un proyecto innovador en términos sociales, espaciales y tecnológicos que está directamente involucrado con la comunidad y el desafío. de un mundo mejor.

Palabras clave: *Patrimonio. Arquitectura. Movimiento Moderno..*

Introdução

A importância do DOCOMOMO, como uma organização mundialmente reconhecida, e a sua capacidade para desenvolver iniciativas de intercâmbio de ideias e de experiências implicam chamar a atenção pública, interessando todas as pessoas envolvidas nos processos de conservação patrimonial, dos investigadores aos quadros técnicos e à opinião pública que, ainda hoje, vêm o património do século XX com um certo grau de indiferença. Neste sentido, o património moderno tem de ser reconhecido como um modelo ou um manifesto, um símbolo vital para um desenvolvimento arquitetónico e urbano duradouro, capaz de redefinir o papel vital desta herança no conforto e o bem-estar sustentável das sociedades globalizadas. Como é sabido, a conservação e a transmissão do património é uma tarefa difícil que reclama por parte da sociedade a compreensão e o julgamento claro do valor da arquitetura do Movimento Moderno. Encarada como um estimulante projeto coletivo, uma das qualidades originais da própria natureza primeira do projeto moderno em si, a arquitetura do Movimento Moderno permanece um projeto inovador em termos sociais, espaciais e tecnológicos que está diretamente implicado com a comunidade e o desafio de um mundo melhor.

Fazer um balanço do trabalho desenvolvido pelo DOCOMOMO implica pensar que o DOCOMOMO – Documentação e Conservação do Movimento Moderno – foi criado há 30 anos, para assumir um papel fundamental: o da primeira e única organização dedicada à conservação do património da arquitetura do Movimento Moderno.

Relembrando a constituição do DOCOMOMO, esta resume a sua missão: identificar, promover e opor-se à destruição e desfiguramento do património moderno; trabalhar para a disseminação do desenvolvimento de técnicas apropriadas para a reabilitação e o reuso da arquitetura do Movimento Moderno; criar e chamar a atenção de meios financeiros para o desenvolver; e explorar e desenvolver novas ideias para um futuro do ambiente construído sustentável baseado nas experiências do passado do Movimento Moderno.

Durante os 12 anos do meu mandato enquanto presidente do DOCOMOMO procurei desenvolver uma dupla estratégia. Por um lado, importava promover ações de reabilitação e transformação, isto é, intervenções sustentáveis e exemplares em edifícios, conjuntos urbanos e paisagens do Movimento Moderno. O Prémio *Europa Nostra* atribuído à reabilitação da Fábrica Van Nelle, em Roterdão, ou à intervenção no conjunto habitacional do Lignon em Genebra, premiando obras de recuperação de património moderno, constituem a confirmação dessa capacidade. Por outro lado, apostei na continuação da tarefa de alargamento territorial, convocando outros territórios culturais e geográficos onde a arquitetura do Movimento Moderno teve um papel significativo. O objetivo de integrar novas geografias permitiu encarar o sentido global da arquitetura do Movimento Moderno assegurando o reconhecimento da diversidade de identidades culturais modernas no mundo.

A estratégia do meu mandato iniciado em 2010 assentava, assim, nessa ambição de abrir o DOCOMOMO ao mundo, a todas as geografias, procurando reconhecer a dimensão global do fenómeno da modernidade. Um dos aspetos importantes neste processo foram os parceiros institucionais e também os membros internacionais. Agora ao fim de 12 anos, o DOCOMOMO tem 31 novos *working parties*, contemplando um total de 77.

Muito importante na missão do DOCOMOMO tem sido o trabalho desenvolvido através de um dos órgãos disseminadores, o *Docomomo Journal*. Publicado duas vezes por ano, a partir de 2010 construído a partir de temas com a colaboração de editores convidados, os temas dos *journals* são muito diversos, desde temáticos por regiões a temáticos por tipologia ou autor, reforçando a ideia de que o Movimento Moderno não é uma criação europeia, mas sim uma resposta ao mundo contemporâneo surgindo em todos os continentes.

Outro aspeto valorizado na ação do DOCOMOMO é o da divulgação para um público generalista do que é o trabalho erudito do DOCOMOMO. A *virtual exhibition MoMove*, aplicação móvel criada em 2014, teve essa ambição, tendo tido grande sucesso, funcionando em grande parte através da passagem da informação das fichas *register* em informação muito simples para um público alargado. Outro aspeto fundamental na ação do DOCOMOMO são as campanhas do património em perigo que, no fundo, conduzem a sua atividade. E como sabem, decorrida em agosto e setembro de 2021, a grande campanha conduzida com o Docomomo Brasil teve o objetivo de preservar o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP)/Palácio Capanema enquanto marco internacional da afirmação do Movimento Moderno no mundo, alertou para a manutenção de um programa compatível com o valor do Bem. A campanha chamou mundialmente à atenção para a ameaça à integridade do edifício – um Bem Patrimonial que está na vanguarda da afirmação do Movimento Moderno como símbolo público com impacto na cidade e no mundo, designadamente no que podemos designar a modernidade e africana – e apelou à sua preservação.

A modernidade africana

Para um melhor conhecimento e compreensão da diáspora do Movimento Moderno, é essencial revisitar, analisar e documentar o importante património moderno edificado na África subsariana, onde o debate se verificou e os modelos arquitetónicos foram reproduzidos, em muitos casos sujeitos às metamorfoses suscitadas pelas geografias além-mar.

Com o objetivo de contribuir para a documentação, conhecimento e consequente preservação do património arquitetónico moderno, o trabalho de investigação conduzido no projeto *EWV – Exchanging Worldwide Visions* analisou a produção arquitetónica filiada nos códigos do Movimento Moderno edificada nas cidades de Angola e Moçambique, projetada e construída a partir da segunda metade do século passado¹. Destacam-se a modernidade dos programas arquitetónico, urbano e social e, também, a pesquisa formal e tecnológica que a fundamentou, constituindo um património caracterizador da arquitetura moderna nestes jovens países que começa a ser internacionalmente reconhecido.

Com efeito, depois do estudo da arquitetura do Movimento Moderno em Portugal² surgiu um interesse em alargar a investigação à produção arquitetónica moderna realizada nas ex-colónias portuguesas em África. É o caso de Angola e Moçambique, grandes territórios da África subsariana que testemunharam um impulso desenvolvimentista significativo no período entre o final da II Guerra Mundial e a revolução democrática que transformou Portugal no 25 de Abril de 1974, conduzindo à independência desses países no ano seguinte. Esta corrente apostada no desenvolvimento teve lugar num processo tardio de afirmação colonial, desenvolvido no quadro político do Estado Novo que sobrevive à guerra³ e que, no que respeita a produção arquitetónica, ocorre na circunstância do pós I Congresso Nacional de Arquitectura que teve lugar em 1948.

1 O projeto *EWV – Exchanging Worldwide Visions* foi um projeto de investigação sobre arquitetura moderna na África lusófona, procurando estabelecer relações com o Brasil e o que foi a explosão de modernidade trazida ao mundo pela arquitetura brasileira. Ver Ana Tostões (ed.), *Arquitetura Moderna em África*. Angola e Moçambique, Lisboa, Caleidoscópio, 2013.

2 Sobre este assunto ver Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, Porto, FAUP, 1997; Ana Tostões, *Arquitetura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Lisboa, IPPAR, 2004; Ana Tostões, *A Idade Maior*. Cultura e Tecnologia na Moderna Arquitectura Portuguesa, Porto, FAUP, 2015.

3 O pós-guerra foi também o tempo da contestação ao regime. O Estado Novo que politicamente sobrevive à guerra, e ao que este facto significou politicamente no quadro da derrota dos fascismos, é uma realidade social, económica e política bem distinta da dos anos 30, abrindo-se a primeira crise grave e global, em que a questão do poder se coloca de alguma forma para as oposições. Cf. TOSTÕES, Ana. *A Idade Maior*. Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa, op. cit., p. 368

Hoje, uma nova consciência emerge do facto de que é necessário incluir África nos nossos esforços para atingir uma compreensão abrangente da “diáspora moderna”⁴. De facto, como tem sido reconhecido⁵, a partir da década de 90 os historiadores descobriram a produção arquitetónica moderna em África como parte de uma produção cultural relacionada com o colonialismo. Com a introdução da teoria pós-colonial na historiografia da arquitetura, teve lugar uma crítica insistentemente ideológica que refreou o desenvolvimento de uma autonomia disciplinar, inibindo um olhar objetivo sobre esse património moderno. Recentemente, o desenvolvimento de conceitos como híbrido ou “o outro”⁶ tem vindo a promover uma análise histórica diferenciada sobre a arquitetura e a política no século XX em África⁷ permitindo afrontar o reconhecimento de a arquitetura do Movimento Moderno no seu impulso civilizador serviu sempre a colonização⁸ o que implica repensar o princípio básico de bem-estar em que a sociedade moderna assenta, a ser assegurado por uma arquitetura praticada como missão, ou seja, um serviço social capaz de garantir um futuro melhor para todos. Importa, pois, indagar como foram cruzados os princípios modernos, resultantes de uma cultura eurocêntrica, com as culturas ancestrais do Oriente e da África. Além disso, deve-se dizer que o caso da África subsariana de expressão lusófona começa agora a ser estudado em profundidade, sendo possível encarar uma visão mais global destes universos ditos periféricos: Portugal e as ex-colónias africanas, o Brasil e a América do Sul.

Na verdade, o Brasil em particular e a América Latina no geral, formam um universo estimulante no contexto da cultura arquitetónica e da cidade modernas, que tem sido esquecido pela historiografia e encarado por demasiado tempo como periferia. Recentemente, vários investigadores argumentam pelo contrário a centralidade destas inovações, de tal modo que é possível sustentar uma ideia de uma modernidade transcontinental que congrega esses lugares e culturas, bem como a sua arquitetura e urbanismo num quadro de influências partilhadas não só pela língua comum, como também por modos de vida que decorrem da miscigenação de culturas que caracterizou a colonização portuguesa.

A relação entre a África e a Europa teve um enorme papel no desenvolvimento dos dois continentes, mantendo-se inseparavelmente ligados e influenciando-se continuamente. Como é sabido, no final do século XV a influência europeia sobre África entrou numa fase de exploração unilateral. Os portugueses, na procura de uma rota marítima e alternativa para a Índia, começaram por volta de 1450 o período da expansão, marcando o início da interferência europeia na África subsariana. Foram depois seguidos pelos holandeses, franceses, espanhóis, ingleses: as costas africanas foram despojadas e saqueadas começando no século seguinte a diáspora forçada de milhões de africanos para as plantações do continente americano, durando até ao século XIX. Mais tarde, a ocupação de África pelos europeus na sequência da Conferência de Berlim (1884-1885) conduziu à partilha deste território pelos poderes mundiais do tempo: Grã-Bretanha, França, Bélgica, Alemanha, Itália, Espanha e Portugal. As fronteiras geográficas então definidas não refletiram a população

4 SHARP, Dennis; COOKE, Catherine (Eds.). *DOCOMOMO: The Modern Movement in Architecture*. Rotterdam: 010 Publishers, 2000.

5 LAGAE, Johan; AVERMAETE, Tom (Eds.). *L'Afrique, c'est Chic. Architecture and Planning in Africa 1950-1970*. Rotterdam: NAI Publishers, 2010.

6 Ver “Other” Modernisms. INTERNATIONAL DOCOMOMO CONFERENCE, 9, 2006. *Proceedings* [...]. Ankara: Docomomo International, 2006.

7 ARAEEN, Rasheed, *A New Beginning: Beyond Postcolonial Cultural Theory and Identity Politics*. Third Text, London, v. 14, n. 50, p. 2-20, 2008. Apud LAGAE, Johan. Kulturmann and After. On the Historiography of 1950's and 1960's Architecture in Africa. In: LAGAE, Johan; AVERMAETE, Tom (Eds.), op. cit., p. 5-15.

8 KULTERMANN, Udo; FRAMPTON Kenneth. *World Architecture 1900-2000: A Critical Mosaic*. Wien: New York: Springer Verlag, 2000. (Central and Southern Africa, v. 6), p. XXII.

nativa nem a sua cultura⁹, e o processo de colonização caracterizou-se por uma progressiva exploração, ocupação e penetração. No período entre as duas grandes Guerras Mundiais do século XX, a África colonial foi sendo desenvolvida em fases de grande escala, testemunhando a construção de estradas, caminho-de-ferro, portos, complexos governamentais, plantações, escolas e hospitais¹⁰.

As colônias portuguesas desenvolvem-se em velocidade mais moderada que as demais europeias, assinalando-se em Moçambique, dois anos depois da Conferência de Berlim, a transferência da capital da Ilha de Moçambique para Lourenço Marques, atual Maputo, e a fundação da cidade com o Plano Araújo (1887) a marcar uma estratégia clara de investimento no sul da colônia e na relação com a África do Sul, em detrimento da ilha de Moçambique ou do Vale do Zambeze, onde, na era da expansão, tinham sido fundadas Quelimane ou Tete. Tal como outras ocupações europeias que ocorreram posteriormente à “partição” pós Conferência de Berlim, como Joanesburgo, Durban, Salisbúria, Kaduna ou Lusaca, Lourenço Marques desenhava-se em grelha, lembrando algumas cidades europeias¹¹, ou coloniais de fundação ocidental. No advento do período republicano o acento é colocado em Angola na sequência dos esforços de Norton de Matos (1867-1955) com a criação de Nova Lisboa (atual Huambo)¹², com Plano de Carlos Roma Machado (1912) assinalando a vontade desenvolvimentista do novo regime, através da penetração no território com a fundação de um importante pólo de expansão no planalto fértil do Huambo. Em 1929, a ocupação de Moçambique é reforçada com o Plano para a Beira, de Carlos Rebelo de Andrade (1887-1971), seguido do Plano para Porto Amélia (1936), de Januário Moura, no quadro da política de planeamento do Estado Novo e da publicação em 1930 do Acto Colonial, a legislação que organizava o papel do Estado nas colônias portuguesas, antecedendo a nova Constituição do Estado Novo de António Salazar (1889-1970) em 1933. Contudo, o investimento desenvolvimentista de expressão contemporânea só tem lugar efetivo a partir dos anos 40 do século XX, acompanhando a estratégia metropolitana na mudança, de uma política baseada na exploração rural, para um desenvolvimento de cariz industrial, seguindo a estratégia de Ferreira Dias com a criação do Ministério da Indústria em 1942, afirmando-se assim, pela primeira vez, uma política de claro acento industrial¹³. Como se verá adiante, a criação do Gabinete de Urbanização Colonial (GUC) dois anos depois, e a partir de 1953 o lançamento dos Planos de Fomento¹⁴ que passam a integrar uma política baseada numa estratégia acelerada de desenvolvimento nas colônias africanas com um reforço significativo de ações, estão na base dos empreendimentos relacionados com o surto de arquitetura e urbanismo modernos.

Como refere Antoni Folkers, “a última era da colonização em África, cujo fim começa em 1960, caracterizou-se por um esforço colonial destinado a adiar as independências, introduzindo as bases de construção de um moderno estado-providência”¹⁵. Devido, quer à ausência de investimento ocidental em infraestruturas em África, quer à negação do significado de uma tradicional cultura africana, foram introduzidas infraestruturas completamente novas baseadas nos parâmetros ocidentais de modernidade desenvolvidas frequentemente fora do contexto cultural africano.

9 Idem, p. XVIII.

10 Sobre este tema ver FOLKERS, Antoni. *Modern Architecture in Africa*. Amsterdam: Sun, 2010, p. 24-39.

11 KULTERMANN, Udo; FRAMPTON, Kenneth, op. cit., p. 18.

12 A cidade teve a designação oficial de Nova Lisboa entre 1928 e 1975. Norton de Matos foi governador geral da província em 1912-1915 e 1921-1923 e em 1948-1949 foi candidato da oposição às eleições presidenciais.

13 Cf. FOLGADO, Deolinda. *A Nova Ordem Industrial no Estado Novo*. Lisboa: Horizonte, 2012.

14 O I Plano de Fomento (1953-1958), é seguido pelo II Plano de Fomento (1959-1964), depois pelo Plano Intercalar de Fomento (1965-1967) e finalmente pelo III Plano de Fomento, iniciado em 1968 acompanhando a era Marcelista

15 FOLKERS, Antoni, op. cit., p. 40. (Tradução livre).

Acresce referir que a implementação destas infraestruturas durante o período colonial surge associada a uma política de separatismo implantada pelos poderes coloniais que introduzem o apartheid. A cidade moderna africana de fundação ocidental, era dividida numa área formal e noutra informal, na periferia da primeira, destinadas respetivamente a brancos (os colonos) e a pretos (os “indígenas”). Esta divisão deixou marcas violentas no desenho urbano das metrópoles modernas africanas, como se verá adiante.

Até à II Guerra Mundial, os edifícios coloniais na África subsariana refletiam muitas influências. A arquitetura do Movimento Moderno teve uma influência reduzida com exceção da produção conduzida pelo chamado Transvaal Group, na África do Sul, onde se destaca a figura de Rex Martiensen (1905-1942) e dos seus colegas (John Fassler (1910-1971), Gordon McIntoshe (1864-1926) e Bernard Cooke (1910-2011), todos eles seguidores de Geoffrey Eastcott Pearse (1885-1968)), influenciados pelas ideias de Le Corbusier (1887-1965), e pelos objetivos internacionais do Movimento Moderno baseados nas formas puristas e numa linguagem tecnológica que procurava programaticamente transcender identidades locais e regionais. Rex Martiensen tornou-se editor da revista **South African Architectural Record** em 1932, tendo realizado com o seu grupo até aos anos 40 um número significativo de obras. A sua obra, **Martiessen House** em Greenside (1939-1940), foi inclusivamente publicada na revista portuguesa **Arquitetura**¹⁶, confirmando o facto da arquitetura do Movimento Moderno ser introduzida na África lusófona em grande escala depois da II Guerra Mundial.

Um laboratório colonial

A receção e, hoje em dia, a reinterpretação da arquitetura do Movimento Moderno implica a preservação física, concetual e identitária. Quando falamos da África colonial o paradoxo surge pelo facto da arquitetura do Movimento Moderno conter em si a pulsão de uma afirmação ideológica de liberdade e valores democráticos já que, como considera Udo Kultermann (1927-2013), a “arquitetura do Movimento Moderno fazia parte da ideologia colonial, na medida em que serviu exclusivamente a minoria branca”¹⁷. A questão é a de compreender como é que esta expressão moderna pôde então ser um veículo de colonização e dominação. Como Anatole Kopp defendeu, a arquitetura moderna não é uma estética mas a proposta de um melhor quadro de vida para todos¹⁸. Temos a consciência que vivemos num período pós-colonial. Por outras palavras, somos antigas colónias ou países colonizadores que atravessam uma era pós-colonial. Creio que a mais estimulante aproximação ao tema se faz através de conceitos como identidade, memória e troca¹⁹. Portugal manteve um regime colonial ao longo do século XX até meados dos anos 70. Este passado colonial talvez seja ainda muito recente, até agora, demasiado próximo para uma adequada análise crítica e histórica. Talvez por isso, em termos de bibliografia, a experiência da moderna arquitetura nas colónias portuguesas começa agora a ser estudada para além das fronteiras atuais do país²⁰.

16 CASA na África do Sul. **Arquitetura**, 2ª série, Lisboa, n. 30, 1949.

17 KULTERMANN, Udo; FRAMPTON, Kenneth, op. cit., p. 22.

18 KOPP Anatole. **Quand le Moderne n'était Pas un Style mais une Cause**. Paris: ENSBA, 1988. Ver TOSTÕES, Ana (Coord.). **Fundação Calouste Gulbenkian. Os Edifícios**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

19 CARLOS, Isabel (Ed.). **Exchanging Visions**. Lisboa: Instituto Camões Autores e Artistas, 2007.

20 MATOS, Madalena Cunha. **Colonial Architecture and Amnesia Mapping the Work of Portuguese Architects in Angola and Mozambique**. In: LAGAE, Johan; AVERMAETE, Tom (Eds.), op. cit., 2010.

De facto, os pressupostos formais, tecnológicos e ideológicos do Movimento Moderno começaram a revelar-se expressivamente em obras construídas na África lusófona a partir de finais de 40. Personificando liberdade e simbolizando esperança num futuro democrático, a arquitetura moderna era vista como uma forma de lutar contra o regime totalitarista do Estado Novo de Salazar. A ligação entre arquitetura e revolução transformou-se numa evidência e a afirmação da arquitetura moderna reconhecida por muitos dos arquitetos portugueses no Congresso de 1948²¹ converteu-se num objetivo, também ele político, num compromisso que pretendia não só resolver o problema da habitação, como ampliar a sua ação para o desenho da cidade e para o planeamento do território.

Este ciclo moderno teve lugar no contexto de uma política internacional muito contestada, iniciada a partir da criação das Nações Unidas em 1945 e reforçada a partir de 1961 com o desencadear da Guerra Colonial (1961-1974) e do tardio processo de industrialização do país e das colónias no quadro de quatro sucessivos Planos de Fomento. Como refere Udo Kultermann “os acontecimentos que sucedem a guerra, e sobretudo a fundação das Nações Unidas em 1945, tiveram uma intensa reverberação na mudança de estatuto de diversas partes de África. Entre os que se bateram pela liberdade estavam Kwame Nkrumah no Ghandá, Leopold Senghor (1906-2001) no Senegal e Julius Nyerere (1922-1999) na África Oriental. A Guerra Fria que se seguiu teve o maior impacto na independência dos estados africanos das leis coloniais. A Líbia conseguiu a independência em 1952, o Ghana em 1957 e em rápida sucessão diversos outros estados africanos, como a Costa do Marfim, a República Centro-Africana, a Nigéria, o Congo, o Gabão, a Mauritânia e o Senegal, conquistaram a independência no ano de 1960, um ano muito importante para a África em geral”²². Depois da II Guerra Mundial, a orientação da política colonial portuguesa deve ser entendida sob a intensa pressão das Nações Unidas. Tentando mitigar essa crítica, a ditadura portuguesa procurou, nos anos 50, formar a ideia de uma identidade lusitana usando, nomeadamente e como discurso de referência, o luso-tropicalismo de Gilberto Freyre (1900-1987).

Nas colónias portuguesas a ênfase colocada nas infraestruturas de grande escala foi acompanhada por uma expressão moderna, agora renovada sob a influência brasileira após a publicação do livro **Brazil Builds** (1943) e da grande difusão das obras sul-americanas²³. Ao longo dos anos 50, muitos arquitetos que convictamente

21 A realização do I Congresso Nacional de Arquitectura, em maio de 1948 em Lisboa teve as maiores consequências na afirmação da arquitetura moderna em Portugal, tendo sido um facto de consequências determinantes no entendimento da produção arquitetónica dos anos 50 e que importa analisar no contexto de agitação cultural que se seguiu ao fim da guerra, cf. Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, op. cit., 50. Nesse momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitetos e simultaneamente do espaço para afirmar a inevitabilidade da arquitetura moderna, os arquitetos reclamam a industrialização e a sua participação na resolução do problema da habitação sem constrangimentos nem obrigadoriedades de estilo. Reivindica-se a intervenção a uma outra escala que não a do edifício isolado, isto é, o direito à escala da cidade. Citou-se Le Corbusier e a sua utopia da sua Ville Radieuse. E, recorrentemente a Carta de Atenas como dogma urbanístico para situar a urgência de uma nova racionalidade urbanística e arquitetónica, com o sentido de manifesto e ortodoxia que comportam, cf. TOSTÕES, Ana. *A Idade Maior. Cultura e Tecnologia na Moderna Arquitectura Portuguesa*, op. cit., p. 369. Ver também SIMÕES, João, LOBO, José Huertas, RODRIGUES, Francisco Castro. O alojamento colectivo. In: TOSTÕES, Ana (Coord.). CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITECTURA, 1. *Teses* [...]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008 [1948].

22 KULTERMANN Udo; FRAMPTON, Kenneth, op. cit., p. 23. (Tradução livre).

23 GOODWIN, Philip L.; KIDDER SMITH, George E. *Brazil Builds. Architecture New and Old, 1652-1942*. New York: MoMA, 1943. Seguem-se as monografias dedicadas ao tema: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. Paris, n. 13/14, set. 1947; L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. Paris, n. 42/43, ago. 1952. Em Portugal: PALLA, Vítor. Lugar da tradição. *Arquitectura*, Lisboa, n. 28, abr. 1949; ARQUITECTURA Moderna Brasileira (Exposição no IST). *Arquitectura*, Lisboa, n. 29, fev./mar. 1949; LEVI, Rino. A Arquitectura é uma Arte e uma Ciência. *Arquitectura*, Lisboa, n. 36, nov. 1950; NIEMEYER, Oscar. Bloco de Habitações na Praia da Gávea. *Arquitectura*, Lisboa, n. 41, mar. 1952; I BIENAL de S. Paulo - Exposição Internacional de Arquitectura. *Arquitectura*, Lisboa, n. 41, mar. 1952; COSTA, Lucio. O Arquitecto e a Sociedade Contemporânea. *Arquitectura*, Lisboa, n. 47, jun. 1953; O PINTOR Burler Marx e os seus Jardins. *Arquitectura*, Lisboa, n. 52, fev./mar. 1954; EXPOSIÇÃO de Arquitectura Contemporânea Brasileira. *Arquitectura*, Lisboa, n. 53, nov./dez. 1954; VASCONCELOS, Sílvio de. Arquitectura Brasileira Contemporânea. *Arquitectura*, Lisboa, n. 88, mai./jun. 1965. Também a revista *Técnica* da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico: VIEIRA, Aníbal. Brasília, Cidade Modelo. *Técnica*, Lisboa, n. 287, dez. 1958. E mais tarde diversos números da *Binário*: BORÓBIO, Luís. *Arquitectura da América entre*

acreditavam na capacidade transformadora da arquitetura, viajaram para as colônias africanas onde a expressão arquitetônica era mais livre de se afirmar que na metrópole. Também as especificidades geográficas e climáticas africanas promoveram diferentes sentidos para o vocabulário moderno, que adquiriu novas expressões e escalas²⁴. Estes territórios mostravam-se tanto mais disponíveis à modernização quanto mais afastados se encontravam da influência direta do poder central. Numa sociedade aparentemente menos restritiva, os arquitetos partilharam a possibilidade de construir com base na universalidade do ideário moderno.

Este período constituiu um extraordinário desafio para a “geração africana”²⁵, que não só teve a possibilidade de trabalhar de acordo com uma linguagem fundada no discurso progressista, igualitário e universal da modernidade, como se viu envolvida em encomendas de grande escala. Estimulados, ainda, pela imensidão da paisagem africana, estes arquitetos puderam acreditar que estavam a construir um novo lugar, um novo mundo que cumpriria os desígnios que reclamavam e os mergulharia na contemporaneidade. Na aventura do desenho e da construção, criariam a *utopia moderna* em África. Vivia-se uma atmosfera de liberdade arquitetônica e com a possibilidade de experimentar. Se “África era o paraíso dos arquitetos”²⁶, a verdade é que a maioria dos que foram trabalhar para África como “bons missionários”²⁷, primeiro para apoiar o colonial *welfare* e depois para apoiar em muitos casos as novas nações independentes em nome do progresso humano e da justiça, partilhavam os ideais do Movimento Moderno.

Importa, pois, entender esta produção dentro do contexto africano, num processo de transformação abrangente apostado numa ação dirigida segundo uma orientação verdadeira e progressista, concretizada através de obras pioneiras com grande significado urbano e social, num quadro duplamente colonizador: da política e da arquitetura. A arquitetura moderna na sua vontade de uniformizar conforma uma ação colonizadora e transformadora que reserva pouco espaço para a valorização das culturas ancestrais e locais, designadamente em relação à cultura africana. Como considera John Lagae “de um ponto de vista eurocêntrico em que a África é encarada como continente sem história, o debate sobre a arquitetura na colônia belga entendia que o Congo não tinha uma cultura construtiva significativa, era visto como território virgem”²⁸.

Entretanto, ao longo dos anos 60 começou a surgir um genuíno interesse pela arte e pela arquitetura africanas num quadro que anunciava uma reação à uniformização do internacionalismo, enunciando tendências conducentes à descoberta da cultura vernacular, do organicismo e da identificação do conceito que virá a ser designado de regionalismo crítico. Este quadro que se esboça na arquitetura portuguesa de um modo claro a partir de meados dos anos 50, tem eco africano na figura de Pancho Guedes (1925-2015)²⁹ que descreve a sua motivação para a criação de uma interpretação africana da arquitetura moderna a partir da necessidade de responder ao desejo africano dos edifícios serem símbolos, mensagens, memórias, espaço para ideias e sentimentos.

Câncer e Capricórnio. *Binário*, Lisboa, n. 12, set. 1959; COSTA, Lucio. Brasília, Capital do Futuro. *Binário*, Lisboa, n. 22, jul. 1960 (número monográfico dedicado a Brasília); 50 ANOS de Arquitectura Brasileira. *Binário*, Lisboa, n. 62, mar. 1972.

24 TOSTÕES, Ana. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, op. cit., 1997.

25 FERNANDES, José Manuel. *Geração Africana. Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

26 GOODWIN, John. Architecture and Construction Technology in West África. *Docomomo Journal*, Paris, n. 28, 2005 (Modern Heritage in Africa edition).

27 FOLKERS, Antoni. *Modern Architecture in Africa*, op. cit., p. 163.

28 LAGAE, Johan. Modern Architecture in Belgian Congo. *Docomomo Journal*, Paris, n. 28, 2005. (Modern Heritage in Africa Edition)

29 TOSTÕES, Ana. Correspondences by Pancho Guedes. In: EAHN FAUSP CONFERENCE, 2013. *Proceedings* [...]. São Paulo: EAHN: FAUUSP, 2013.

O Moderno brasileiro: valorização e preservação

Para os arquitetos preocupados com a questão do património, encarado enquanto manifestação cultural de uma comunidade, pois é nessa medida que o património é absolutamente fundamental para garantir o futuro, a preservação do património implica a identificação do passado e da memória ativa que passamos às gerações futuras de modo a assegurar a sustentabilidade do ambiente construído e assim abraçando não só o objeto patrimonial, mas sim a dimensão de uma vasta e rica cultura.

É possível identificar uma clara relação entre Portugal, a Europa em modernização e a explosão criativa que acontece a partir da América, sobretudo da América Latina designadamente do caso do Brasil. O livro *Brazil Builds* é a referência – ícone reconhecido unanimemente numa Europa sedente de emoção. A partir deste momento sucedem-se as publicações sobre o Brasil com destaque para o MESP, mas também para a obra de Eduardo Afonso Reidy, com destaque para o MAC do Rio de Janeiro ou para o conjunto do Pedregulho, recentemente restaurado, para a fantástica obra de Roberto Burle Marx – apresentado na primeira exposição de arquitetura contemporânea brasileira feita em Lisboa no Instituto Superior Técnico enquanto o momento da descoberta do paisagismo moderno. O respeito pela modernidade contida em Brasília é ainda realçado com a publicação de artigos em revistas de arquitetura portuguesa ou mesmo números inteiramente dedicados ao Brasil.

Esta modernidade de influência brasileira que vai acontecer também numa região tropical, como vimos em Angola e Moçambique, pois há uma consonância de natureza e cultura entre todos estes lugares. Nos anos 40 e 50 assiste-se a uma criação muito inspirada nas experiências brasileiras, nomeadamente nas questões da ventilação permanente, na criação de dispositivos de sombreamento, na atenção cuidada a uma implantação correta em relação aos ventos dominantes para controlar a malária, a entrada de mosquitos, as pandemias. Na sequência da emergência da modernidade brasileira, o mundo anglo-saxónico abraça igualmente esta questão. Um exemplo é o livro de Victor Olgyay **Design with Climate: Bioclimatic Approach to Architectural Regionalism**.

A descoberta da moderna arquitetura brasileira pela jovem geração de arquitetos portugueses teve as maiores consequências na cultura arquitetónica portuguesa. Bálsamo de liberdade, foi o sinal da esperança e de possibilidade de futuro a que os arquitetos se agarraram para combater “heroicamente” o regime do Estado Novo.

Hoje equacionamos o modo de valorizar e identificar estas obras como património numa situação muitas vezes de grande escassez. Importa, pois, justificar esta ambiguidade ressaltando a pertinência e razão de ser destas obras enquanto património da humanidade envolvendo os poderes públicos e a comunidade no investimento para a reabilitação destas obras.

Voltando ao ano de 1936, e ao edifício do MESP no Rio de Janeiro da equipa de Lúcio Costa com a assessoria de Le Corbusier, é essencial reforçar a ideia de que esta obra representou a grande chance de modernizar o mundo. O MESP foi a primeira obra moderna do mundo marcando o centro da cidade com uma nova expressão arquitetónica e criando um espaço público de grande intensidade. Com efeito, é a primeira obra moderna alguma vez erguida numa capital. Pensando no mundo eurocêntrico como centro de criação do Movimento Moderno, não existiam aí em 1936 edifícios modernos com a mesma repercussão e importância no centro da cidade como o MESP. Logo ele é o momento de afirmação da arquitetura moderna no Brasil e no mundo. É assim uma obra única no Mundo, que cria uma praça como ponto de encontro no centro da cidade de Rio de Janeiro, rompendo o tradicional quarteirão do Plano de Donat-Alfred Agache, e que responde através da arquitetura à demanda do clima, dotando o edifício de um sistema de ventilação passiva permanente, de grandes arcadas no piso térreo e incluindo grandes murais cerâmicos no espaço público.

O Capanema reúne em si futuro e modernidade, arquitetura e arte, espaço público na cidade e uma arquitetura responsável e capaz de responder às exigências do clima, sendo, portanto, um símbolo da arquitetura moderna no mundo que tem que ser preservado.

Referências

- 50 ANOS de Arquitectura Brasileira. **Binário**, Lisboa, n. 62, mar. 1972.
- ARAEEN, Rasheed, A New Beginning: Beyond Postcolonial Cultural Theory and Identity Politics. **Third Text**, London, v. 14, n. 50, p. 2-20, 2008.
- ARQUITECTURA Moderna Brasileira (Exposição no IST). **Arquitectura**, Lisboa, n. 29, fev./mar. 1949.
- BORÓBIO, Luís. Arquitectura da América entre Câncer e Capricórnio. **Binário**, Lisboa, n. 12, set. 1959.
- CARLOS, Isabel (Ed.). **Exchanging Visions**. Lisboa: Instituto Camões Autores e Artistas, 2007.
- CASA na África do Sul. **Arquitectura**, 2ª série, Lisboa, n. 30, 1949.
- COSTA, Lucio. Brasília, Capital do Futuro. **Binário**, Lisboa, n. 22, jul. 1960.
- COSTA, Lucio. O Arquitecto e a Sociedade Contemporânea. **Arquitectura**, Lisboa, n. 47, jun. 1953.
- EXPOSIÇÃO de Arquitectura Contemporânea Brasileira. **Arquitectura**, Lisboa, n. 53, nov./dez. 1954.
- FERNANDES, José Manuel, **Geração Africana**. Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975. Lisboa: Livros Horizonte, 2002
- FOLGADO, Deolinda. **A Nova Ordem Industrial no Estado Novo**. Lisboa: Horizonte, 2012.
- FOLKERS, Antoni. **Modern Architecture in Africa**. Amsterdam: Sun, 2010.
- GOODWIN Philip; KIDDER SMITH, George E. **Brazil Builds: Architecture New and Old, 1652-1942**. New York: MoMA, 1943.
- GOODWIN, John. Architecture and Construction Technology in West África. **Docomomo Journal**, Paris, n. 28, 2005 (Modern Heritage in Africa edition)
- I BIENAL de S. Paulo - Exposição Internacional de Arquitectura. **Arquitectura**, Lisboa, n. 41, mar. 1952.
- INTERNATIONAL DOCOMOMO CONFERENCE, 9, 2006. **Proceedings** [...]. Ankara: Docomomo International, 2006. Tema: "Other" Modernisms.
- KOPP, Anatole. **Quand le Moderne n'était Pas un Style mais une Cause**. Paris: ENSBA, 1988.
- KULTERMANN, Udo; FRAMPTON Kenneth. **World Architecture 1900-2000: A Critical Mosaic**. Wien: New York: Springer Verlag, 2000. (Central and Southern Africa, v. 6)
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. Paris, n. 13/14, set. 1947. (numéro spécial Brésil)
- L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. Paris, n. 42/43, ago. 1952. (numéro spécial Brésil)
- LAGAE, Johan; AVERMAETE, Tom (Eds.). **L'Afrique, c'est Chic**. Architecture and Planning in Africa 1950-1970. Rotterdam: NAI Publishers, 2010.
- LAGAE, Johan. Modern Architecture in Belgian Congo. **Docomomo Journal**, Paris, n. 28, 2005. (Modern Heritage in Africa Edition)

- LEVI, Rino. A Arquitectura é uma Arte e uma Ciência. **Arquitectura**, Lisboa, n. 36, nov. 1950.
- NIEMEYER, Oscar. Bloco de Habitações na Praia da Gávea, **Arquitectura**, Lisboa, n. 41, mar. 1952.
- O PINTOR Burlé Marx e os seus Jardins. **Arquitectura**, Lisboa, n. 52, fev./mar. 1954.
- OLGYAY, Víctor. **Design with Climate: Bioclimatic Approach to Architectural Regionalism**. Princeton: Princeton University Press, 2015 [1963].
- PALLA, Vítor. Lugar da tradição. **Arquitectura**, Lisboa, n. 28, abr. 1949.
- SHARP, Dennis; COOKE, Catherine (eds.). **Docomomo: The Modern Movement in Architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, 2000.
- SIMÕES, João; LOBO, José Huertas; RODRIGUES, Francisco Castro. O alojamento colectivo. *In*: TOSTÕES, Ana (Coord.). CONGRESSO NACIONAL DE ARQUITECTURA, 1. **Teses** [...]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008 [1948]
- TOSTÕES Ana (Coord.). **Fundação Calouste Gulbenkian. Os Edifícios**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- TOSTÕES, Ana (Ed.). **Arquitetura Moderna em África**. Angola e Moçambique, Lisboa, Caleidoscópio, 2013.
- TOSTÕES, Ana. **A Idade Maior**. Cultura e Tecnologia na Moderna Arquitectura Portuguesa. Porto: FAUP, 2015.
- TOSTÕES, Ana. **Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970**. Lisboa: IPPAR, 2004.
- TOSTÕES, Ana. Correspondences by Pancho Guedes. *In*: EAHN FAUSP CONFERENCE, 2013. **Proceedings** [...]. São Paulo: EAHN: FAUUSP, 2013.
- TOSTÕES, Ana. **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: FAUP, 1997
- VASCONCELOS, Silvio de. Arquitectura Brasileira Contemporânea. **Arquitectura**, Lisboa, n. 88, mai./jun. 1965.
- VIEIRA, Aníbal. Brasília, Cidade Modelo. **Técnica**, Lisboa, n. 287, dez. 1958.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma **online** a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 29/05/2022

Aprovado em 20/06/2022